Devir-folha: natureza, ecopoética e literatura mais-que-humana em *Pura Cor*, de Sheila Heti

Leaf-becoming: nature, ecopoetics, and more-than-human literature in *Pure Colour*

João Vitor Ferreira Lago[1]
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
E-mail: joaovitorlago@hotmail.com
Orcid:0009-0001-9517-7671

Giulia Mallmann Balestro[2]
Erasmus Mundus Jojnt Master (EMJM SPOT)
E-mail: Giulia.mallmann.balestro@gmail.com
Orcid:0009-0004-7920-3544

Liliam Cristina Marins[3]
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
E-mail:liliamchris@hotmail.com
Orcid: 0000-0002-9954-4985

[1]Mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Graduado em Letras - Língua Portuguesa pela mesma instituição. Membro do grupo de pesquisa Tradução multidisciplinaridade: da torre de Babel à sociedade tecnológica e atua como Designer Educacional da Vitru Educação com a curadoria de materiais educacionais de graduação. Tem interesses nas áreas da literatura de autoria feminina, tradução literária, tradução diarística, escritas de si e teorias feministas. Foi bolsista CAPES.

[2]Psicóloga formada pela PUC/RS e Acompanhante Terapêutica (AT). Na clínica, atendo adolescentes e adultos do mundo todo de maneira on-line e crianças presencialmente em Porto Alegre. Minha prática como AT é fortemente pensada a partir da ética de uma Clínica Ampliada, que visa o direito à cidade e a autonomia para ir e vir no território conforme a existência dos desejos. Curso especialização em Psicologia Escolar e Educacional pela CAPE e formação em Esquizoanálise na Escola Nômade. Escrevo textos no Jornal Onírico (o primeiro jornal oniropolítico do Brasil, construído na UFRGS) e penso sobre antropologia e literatura partir da newsletter Resíduo e do instagram literário @artequeli.

[3]Graduada em Letras habilitação Português-Inglês/UEM (2007), Mestre em Letras/UEM (2010), Doutora em Letras/UEM (2013) e Pós-doutora no Programa de Estudos linguísticos e literários em Inglês (DLM-USP). Atualmente é professora Associada do quadro efetivo do Departamento de Letras Modernas da Universidade Estadual de Maringá e professora permanente do Programa de Pós-graduação em Letras da referida instituição. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: formação do leitor, literatura, tradução e audiodescrição.

Devir-folha: natureza, ecopoética e literatura mais-que-humana em *Pura Cor*, de Sheila Heti

Resumo: Este artigo analisa o romance Pura Cor (2024), de Sheila Heti, traduzido para o português por Bruna Beber, a partir das articulações entre literatura, natureza e ecopoética. Embora classificado formalmente como romance, o livro mobiliza uma linguagem intensamente poética, marcada por imagens simbólicas, metáforas vegetais e reflexões filosóficas que aproximam a narrativa de uma experiência estética voltada ao mundo vivo. A transformação da protagonista em folha é interpretada como uma metáfora ecopoética que tensiona as fronteiras entre o humano e o não-humano e convida o leitor a escutar outras formas de vida e existência. Dialogando com conceitos como naturezacultura (Haraway, 2003), ecocrítica (Garrard, 2006) e fitoliteratura (Nascimento, 2021), o artigo investiga como Heti reinscreve a natureza como agente de linguagem e pensamento, deslocando a centralidade do sujeito humano. Como resultado, observa-se que o romance instaura uma poética do envolvimento, na qual literatura e natureza entram em contato para produzir uma experiência estética capaz de ampliar as fronteiras do existir e de imaginar novas formas de coexistência entre espécies.
Palavras-chave: Ecopoética; fitoliteratura;, naturezacultura.

Leaf-becoming: Nature, Ecopoetics, and More-than-Human Literature in *Pure Colour*, by Sheila Heti.

Abstract: This article analyzes the novel Pure Colour (2024) by Sheila Heti, translated into Portuguese by Bruna Beber, through the intersections between literature, nature, and ecopoetics. Although formally classified as a novel, the book mobilizes an intensely poetic language marked by symbolic images, vegetal metaphors, and philosophical reflections that bring the narrative closer to an aesthetic experience oriented toward the living world. The protagonist's transformation into a leaf is interpreted as an ecopoetic metaphor that challenges the boundaries between the human and the nonhuman, inviting the reader to listen to other forms of life and existence. Drawing on concepts such as natureculture (Haraway, 2003), ecocriticism (Garrard, 2006), and phytoliterature (Nascimento, 2021), the article investigates how Heti reinscribes nature as an agent of language and thought, displacing the centrality of the human subject. As a result, the novel is understood to establish a poetics of entanglement in which literature and nature come into contact to produce an aesthetic experience capable of expanding the boundaries of existence and imagining new forms of coexistence among species.
Keywords: Ecopoetics; phytoliterature; anthropocene.

1. Introdução

Nos últimos tempos, tem crescido, dentro dos estudos literários, o interesse em pensar como os conceitos de natureza e cultura se transpõem, se envolvem e se desafiam. A própria literatura, que durante muito tempo foi vista como um espaço que organiza, nomeia e, de certa forma, domestica o sensível, hoje é também percebida

como um lugar onde essas fronteiras se embaralham. Muitos textos contemporâneos já não se contentam em representar o mundo a partir da separação entre sujeito e objeto, humano e não-humano. Ao contrário, parecem propor outras maneiras de existir, de se relacionar com o mundo e de reconhecer que há vida, linguagem e agência também fora daquilo que chamamos de humano. Maria Esther Maciel (2023) destaca que, por meio das experiências ficcionais e poéticas, a literatura possibilita ultrapassar as fronteiras entre as espécies, permitindo acessar o universo dos seres não-humanos e também reconhecer a animalidade presente em nós mesmos.

Em 2021, na primeira publicação de seu livro O mundo desdobrável, Carola Saavedra lança um convite essencial para repensarmos os vínculos entre literatura e natureza. Ao afirmar: "Há tempos penso nas possibilidades da escrita, de uma literatura deslocada do sujeito, onde tudo tem voz: o rio, a chuva, a floresta, o trovão e até as capivaras" (2021, p. 20), a autora abre um campo de pensamento que nos conduz à escuta de outros corpos – humanos e mais-que-humanos – como agentes produtores de linguagem. O rio como corpo guarda outros corpos; sua existência não é isolada, mas parte de um fluxo em que a palavra também circula. Se a natureza produz literatura, como sugere Saavedra (2021), a escuta desse gesto foi interrompida ou distorcida pelo processo de modernização ocidental, que nos afastou de um modo de vida mais atento aos sinais do mundo natural.

Autoras como Donna Haraway (2003) propõem superar essa cisão por meio da noção de *naturezacultura*, entendida como um tecido indissociável em que corpos, signos, histórias e mundos coexistem e se co-constituem. Na mesma direção, Isabelle Stengers (2015) desenvolve o conceito de ecologia de práticas, em que diferentes modos de existência – humanos e mais-que-humanos – operam segundo lógicas específicas, porém interdependentes, desafiando a pretensa universalidade do pensamento moderno e proporcionando pensamentos amplos sobre modos de existir. No campo dos estudos literários brasileiros, Evando Nascimento (2021) investiga como a literatura não apenas representa a natureza, mas também a reinscreve como agente de linguagem, pensamento e existência.

Nesse contexto, *Pura Cor*, romance de Sheila Heti, traduzido para o português por Bruna Beber, surge como uma obra que reativa essa escuta sensível. Apesar de ser classificado como romance, o livro apresenta uma linguagem fortemente poética, marcada por imagens simbólicas, metáforas naturais e reflexões filosóficas que aproximam a narrativa de uma experiência ecopoética. Ao narrar a experiência de luto de sua protagonista, o livro desdobra um espaço onde literatura e natureza se entrelaçam de maneira radical, compondo um campo simbólico em que os arquétipos de animais e a natureza ganham voz e agência. Mais do que representar o mundo natural, Heti permite que ele interfira diretamente na forma de narrar, como se a própria estrutura do romance fosse moldada pelos movimentos do mundo que descreve. Assim como propõe Saavedra (2021), a escrita em *Pura Cor* ultrapassa o limite do sujeito-humano para incorporar outras presenças, reencantando nossa percepção da realidade e abrindo espaço para o envolvimento de modos alternativos de (co)existir.

Este artigo busca introduzir uma possível interpretação sobre como *Pura Cor* elabora, no plano formal e temático, um apagamento produtivo das fronteiras entre natureza e cultura, mobilizando arquétipos animais, imagens do mundo vegetal e metáforas cosmológicas para reinscrever o lugar do humano no tecido do mundo e fomentar reflexões sobre uma estrutura social fortemente antropocêntrica. Dialogando com os pressupostos da ecopoética (Zapf, 2010; Bora, 2019), da filosofia da ciência (Haraway, 2003; Stengers, 2015; Despret, 2021) e das literaturas contemporâneas que pensam a crise do antropoceno (Maciel, 2023), este trabalho se inscreve no debate sobre como a literatura pode operar como um campo de resistência à lógica de separação, objetificação e extração que caracteriza a modernidade.

Nesse sentido, propomos ler *Pura Cor* como uma poética do envolvimento, na medida em que o romance instaura conexões entre corpos humanos e mais-que-humanos, entre luto, vegetalidade e cosmologia, produzindo uma experiência literária que funciona como modo de habitar e de se implicar com o mundo vivo. Para isso, adotamos o referencial ecopoético como uma teia constitutiva deste recorte interpretativo adotado, visto que *Pura Cor* evoca uma possibilidade de narrar

existências do mundo, diluindo as fronteiras entre natureza e cultura e ampliando o fazer poético para outros seres.

2. A autora, a tradutora e a obra

Sheila Heti é uma escritora canadense, nascida em Toronto, em 1976, cuja obra é marcada por uma forte exploração da subjetividade, da espiritualidade e das complexas dinâmicas do eu em relação ao mundo, à natureza e à arte. Formada em dramaturgia pela National Theatre School of Canada, Heti transita entre gêneros, tendo produzido romances, contos e ensaios, além de ser uma figura ativa na cena cultural norte-americana e internacional. Seu trabalho é frequentemente classificado como experimental, unindo elementos de ficção e não-ficção em uma busca por novas formas de narrar a experiência humana.

Heti é autora de obras amplamente aclamadas, como *How Should a Person Be?* (2010), que combina autobiografia e ficção para explorar questões de identidade, liberdade e criação artística. Esse romance gerou grande discussão acadêmica e crítica por seu estilo fragmentado e confessional, característico de uma geração de escritores que explora o eu literário de forma desconstrutiva. Com *Motherhood* (2018), Heti examina, de maneira igualmente ousada, a experiência de ser mulher e o debate interno sobre maternidade, abordando temas de escolha pessoal e os dilemas existenciais relacionados ao gênero e à biologia.

Sua obra mais recente, *Pura Cor* (2024), traduzido para o português por Bruna Beber e lançado no Brasil pela Companhia das Letras, é descrita como uma meditação filosófica sobre a vida e a morte, revelando a inclinação de Heti para o uso de simbolismos e imagens quase místicas. Neste trabalho, ela desafia a estrutura narrativa tradicional para buscar um estado literário que se aproxime de uma experiência filosófica. Heti utiliza a prosa para investigar temas de transitoriedade e propósito, promovendo um diálogo com a natureza de uma maneira que aproxima sua literatura no

que podemos analisar pelo olhar ecopoético, pela fitoliteratura e pela noção de naturezacultura, como define Haraway (2003).

Vale destacar novamente que este artigo analisou o livro pela tradução de Bruna Beber, ou seja, o texto se transformou pelas mãos da poeta e tradutora para chegar até sua versão de circulação no Brasil. A tradução de *Pura Cor* pode ser compreendida como uma operação de transfiguração de significados, no sentido proposto por Adail Sobral (2019). A tradutora atua como mediadora entre duas culturas, duas línguas, dois espaços e duas temporalidades, não apenas transpondo palavras de uma língua para outra, mas instaurando uma nova interação discursiva. Conforme afirma Sobral (2019, p. 3), traduzir é dizer o "mesmo" a outros – um mesmo que, no entanto, se transforma ao ser reinscrito em outro horizonte de valorações e expectativas culturais. A tradução, assim como a natureza representada no romance, não é estática: é um organismo em constante mudança, que vive de camadas, apagamentos e sobreescritas. Como um texto-palimpsesto (Arrojo, 2012), a tradução carrega as marcas do texto de partida, mas também o renova, oferecendo-lhe sobrevida em outra língua.

Pura Cor, de Sheila Heti, é um romance que explora a complexidade da identidade, da criatividade e da busca por significado na vida contemporânea. A narrativa é construída como se lêssemos o rascunho de Deus para a criação, em uma protagonista que reflete sobre sua existência e suas relações, utilizando a arte como um meio de compreensão e expressão. A estrutura do romance é não linear, permitindo que a autora brinque com a forma e o conteúdo, refletindo a natureza fragmentada da experiência humana. Através de diálogos introspectivos e uma prosa poética, Heti convida o leitor a contemplar a dualidade entre o desejo de conformidade e a busca pela autenticidade. O livro se destaca por sua abordagem filosófica e pela maneira como desafia convenções narrativas, tornando-se uma meditação sobre a vida, natureza e arte.

A narrativa acompanha Mira, uma jovem que estuda crítica de arte em um mundo que está passando pela *primeira versão da criação*, esse primeiro momento em que a existência ainda está sendo rascunhada por Deus, como propõe Mira na primeira frase de *Pura Cor*, em que diz "Depois que Deus criou os Céus e a Terra, se afastou

para contemplar sua criação, assim como um pintor se afasta da tela" (p.7) e, a partir dessa contemplação, "concluiu que o primeiro rascunho da existência apresentou falhas demais" (p.8). Por meio dessa proposição, é possível perceber o movimento de separação entre cultura e natureza como o primeiro rascunho do pensamento moderno. Essa bifurcação é representada como Deus (cultura/pintor) e a tela (natureza), ou seja, a cultura criando uma representação da natureza. Para futuras reflexões do presente artigo, é importante destacarmos a hierarquia criada ao registrar a força da cultura sobre a natureza. Como numa lógica de poder entre diferentes forças, é mascarada a presença constante da proliferação de híbridos natural-culturais que cortam essas fronteiras criadas e funcionam sem distinção em cada partícula de espaço entre o que foi filosoficamente repartido.

Ao longo do livro, é possível identificar perguntas e propostas de Mira que dissolve essa fronteira cultural-natural, tornando-se naturezacultura, junção de duas palavras como conceito proposto por Donna Haraway (2003), a fim de potencializar a ideia de não cisão entre essas duas forças. "Carne e significante, corpos e palavras, histórias e mundos: estes estão unidos em *naturezaculturas*" (Haraway, 2003, p. 9). A naturezacultura começa a tornar-se mais vibrante na "segunda tentativa de criação do mundo", pois é nela que o leitor é convidado a pensar sobre um Deus que se fragmenta em três tipos, metaforizando uma representação da humanidade em arquétipos de pássaros, peixes e ursos, três diferentes formas de estar no e com o mundo: idealismo, pragmatismo e afeição, respectivamente.

Assim, compreender a autora as escolhas narrativas de *Pura Cor* é essencial para perceber a complexidade estética e filosófica que atravessa o romance. O diálogo entre cultura e natureza, a experimentação formal e a sensibilidade poética que se manifestam na escrita de Heti revelam uma obra profundamente comprometida com a reinvenção dos modos de narrar e de existir.

3. Arquétipos não-humanos e o Simbolismo na Literatura

No romance, Sheila Heti utiliza arquétipos como recursos centrais para estruturar e simbolizar aspectos da condição humana, empregando as figuras dos pássaros, peixes e ursos para representar diferentes perspectivas sobre estética, relacionamentos interpessoais e individualidade. Essa abordagem se conecta à teoria dos arquétipos de Carl Jung, que considera os arquétipos como elementos simbólicos do inconsciente coletivo, presentes em narrativas culturais ao longo da história (Jung, 2016). Para Jung, os arquétipos não são apenas figuras fixas, mas expressões dinâmicas da psique humana, manifestando-se de diferentes maneiras conforme o contexto e as necessidades culturais e individuais.

Assim, Heti constrói uma narrativa que utiliza arquétipos como pássaros, representando uma visão estética e ampla do mundo; peixes, simbolizando as relações e as conexões humanas; e ursos, que remetem ao individualismo e ao cuidado com as próprias necessidades. Estes arquétipos, ao serem integrados à narrativa, permitem uma leitura que transita entre o coletivo e o pessoal, criando camadas de significado que refletem as complexidades da existência humana na Terra. A partir desses três arquétipos, a autora apresenta a protagonista da história, Mira, e as outras duas principais personalidades que afetam Mira e a maneira como ela enxerga o mundo:

> Esta história, em particular, diz respeito a uma mulher semelhante a um pássaro chamada Mira, que se divide entre seu amor pela misteriosa Annie, que lhe parece um peixe desatento, e o amor que sente pelo pai, que lhe parece um urso acolhedor (p. 10).

A escolha de Heti por esses arquétipos, como elementos estruturantes do romance, ilustra o uso de figuras universais para retratar o conflito entre o individual e o coletivo, além de refletir um esforço em comunicar uma experiência estética entre a ficção e a natureza. Além disso, a escolha da autora em desenvolver arquétipos animalescos reforça a aproximação do romance com a natureza e o mundo animal. No romance, os animais mais-que-humanos não tomam forma ou possuem protagonismo, mas são construídos como signos e têm um valor alegórico importante para a condução

da narrativa. Estes signos são interpretações humanas sobre algo que já existe nas narrativas terrestres, como afirmado por Didier Debaise (2019):

> Tudo está dito nas narrativas das coisas terrestres, porém cabe a nós articulá-las, intensificar seu significado e acompanhar as propostas que carregam com elas; em suma, inventar novos sentidos que nos definam como coisas terrestres entre outras (p.17).

Essa utilização simbólica dos animais em *Pura Cor* aproxima a obra dos princípios da ecopoética, na medida em que promove uma reconfiguração da relação entre o humano e o não-humano dentro da narrativa literária. Ao recorrer a arquétipos animalescos como ferramentas de compreensão da experiência humana, Sheila Heti não apenas dá voz à natureza de forma simbólica, mas também revela uma sensibilidade estética que reconhece o envolvimento entre todos os seres vivos. Tal escolha narrativa rompe com a centralidade do sujeito humano, propondo uma perspectiva ampliada, em que a natureza se torna não apenas cenário, mas agente de sentido. Assim, o romance se inscreve em uma tradição ecopoética ao mobilizar imagens do mundo natural para repensar subjetividades e modos de existência, reafirmando que a literatura pode ser, também, um espaço de escuta e elaboração das múltiplas formas de vida que nos atravessam.

Os arquétipos – pássaros, peixes e ursos – ajudam a pensar diferentes formas de estar no mundo, mas também acabam atravessando a maneira como a protagonista vive o luto. Para Heti:

> As pessoas nascidas do ovo do pássaro estão interessadas na beleza, na ordem, na harmonia e no sentido das coisas. Olham a natureza do alto, de modo abstrato, e ponderam o mundo à distância. Essas pessoas se parecem com pássaros em pleno voo — volúveis, frágeis e vigorosas. (Heti, 2024, p. 8)

Já pessoas nascidas no ovo de peixe:

> Pessoas nascidas de um ovo do peixe têm a consistência da geleia, e essa geleia abarca centenas de milhares de ovos, e o que mais importa não é um ovo específico, mas estar na condição de coletivo. Para o peixe, a preocupação não é um ovo específico, mas que todos os ovos estejam em boas condições, onde a temperatura é adequada e a corrente suave, para que a maioria consiga sobreviver. Para o peixe, importa o bem-estar comum. Uma pessoa nascida do ovo do peixe está mais preocupada com a equidade e a justiça terrenas: que a humanidade como um todo esteja bem adaptada. (Heti, 2024, p. 8-9)

Por fim, para a autora, pessoas nascidas do ovo de urso são:

> Uma pessoa nascida de um ovo de urso é semelhante a uma criança segurando sua boneca favorita. Ursos não têm um pensamento pragmático, segundo o qual suas pessoas favoritas podem ser sacrificadas por um bem maior. Os ursos são profundamente centrados em si mesmos. Escolhem algumas pessoas para amar e proteger, e são impassíveis às escolhas delas; devotam-se àquelas que podem cheirar e tocar. (Heti, 2024, p. 9)

Depois da morte do pai, ela se vê tentando se encaixar nesses modos de ser, mas percebe que nenhum deles dá conta de responder à dor da perda. É como se, diante do luto, até esses modelos simbólicos começassem a desmoronar. E é justamente nesse momento que surge uma transformação mais radical: Mira se torna uma folha. Sheila Heti insere um novo arquétipo ao romance, um simbolismo que ultrapassa qualquer hierarquia entre humano e natureza, pois ao se transformar em folha, a personagem se vê diante de uma configuração de mundo profundamente entrelaçada – como rizomas. O luto, então, deixa de ser só uma dor íntima e passa a ser vivido também como parte de um ciclo maior, que envolve vida, morte e transformação – um jeito de perceber que tudo no mundo está conectado.

Neste processo de luto, Mira remonta uma experiência que é profundamente ligada à circularidade, como proposto por Antônio Bispo dos Santos (2023) quando escreve que "Na transfluência não há volta, porque ela é intrinsecamente circular. Ao mesmo tempo que algo vai, fica; ao mesmo tempo que fica, vai - sem se desconectar" (p. 51). Ou seja, ao mesmo tempo em que Mira percebe que algo se foi através da morte do pai, ela compreende tudo o que segue vivo: a respiração do mundo, o amor e as memórias compartilhadas. Quando se torna uma folha, a protagonista passa a se

envolver com a circularidade do mundo e, a partir dessa conexão profunda com o início, meio e início, ela se deixa levar pelo vento artístico e poético do existir.

A partir de uma complexa construção de subjetividade da personagem e de agentes não-humanos, aqui interpretados como arquétipos de animais e folha, é possível observar que a obra de Sheila Heti é também guiada pelo vento existencial de mundo, sobretudo quando olhamos a partir da lente ecopoética, como veremos na próxima seção.

4. A folha como símbolo da ecopoética e da fitoliteratura

A ecocrítica, também chamada de *ecocriticism*, é uma área recente das ciências humanas que surgiu no início do século XXI com o objetivo de repensar a tradicional separação entre cultura e natureza (Zapf, 2010). Ela surge tanto da necessidade de incorporar uma perspectiva ecológica à crítica literária, dialogando com saberes ambientais, quanto da urgência diante das crises climáticas, buscando restabelecer uma conexão crítica entre literatura e realidade. Segundo Costa (2014), a ecocrítica surge como um campo teórico-literário voltado ao estudo das relações entre o ser humano e a natureza nas obras literárias. Seu surgimento está associado à publicação da primeira antologia dedicada ao tema, organizada por Cheryll Glotfelty em 1997, em que a pesquisadora norte-americana propõe uma reaproximação entre os estudos literários e a questão ambiental — um debate já consolidado em diversas áreas do saber acadêmico. Nesse contexto, a ecocrítica emerge como um campo fundamental para repensar a relação entre literatura e natureza, ampliando o olhar para além do humano e propondo novas formas de leitura e de existência no mundo. Como afirma Garrard (2006):

> A ecocrítica se estabelece como uma ferramenta, um treino do olhar que reapresenta o humano para o não-humano, ou seja, a partir do esquecimento por parte do humano da natureza, a tarefa da ecocrítica é uma recordação, uma contemplação, uma ação e um testemunho, desta interação. “À medida que os ecocríticos procuram oferecer um discurso verdadeiramente transformador, que nos permita analisar e criticar o mundo em que vivemos, dá-se cada vez mais atenção à ampla gama de processos e produtos culturais

> nos quais e por meio dos quais ocorrem as complexas negociações entre a natureza e a cultura. Aliás, a definição mais ampla do objeto da ecocrítica é a de estudo da relação entre o humano e o não-humano, ao longo de toda a história cultural humana e acarretando uma análise crítica do próprio termo 'humano'". (Garrard, 2006, p. 16)

No interior desse campo, diversas vertentes se formaram para acompanhar os distintos gêneros e contextos de produção literária. No caso da poesia, destaca-se a ecopoética, que engloba os textos poéticos que partem de uma concepção integrada entre o ser humano e o mundo natural. Assim, a ecopoesia busca expressar uma visão de pertencimento à natureza, considerando o ser humano como parente das plantas, dos animais e de todos os elementos que compõem o universo. Ou seja, a ecopoética, ou ecopoesia, nada mais é que uma das ramificações da ecocrítica.

Em *Pura Cor*, após a morte do pai, a protagonista Mira adentra em uma espiral reflexiva e contemplativa sobre a vida e a morte. Ao pensar nessa morte, Mira percebe que "a respiração do mundo inteiro é a respiração de seu pai" (p.75) e isso lhe proporciona uma sensação da vida como algo sem fim, algo que circula infinitamente entre início, meio e início. Sobre essa possibilidade de continuar a existência diante do luto, Vinciane Despret (2015), afirma:

> Se não cuidarmos dos mortos, eles morrem de fato. (...) A nós cabe a tarefa de oferecer-lhes "mais" existência. Esse "mais" deve ser entendido, na verdade, no sentido de um suplemento biográfico, de um prolongamento de presença, e, principalmente, no sentido de *outra* existência (p.15).

Esse tornar-se *outra* existência se concretiza em *Pura Cor* no momento em que Mira se transforma em um dos principais elementos representantes da natureza: uma folha. Além de ser uma alegoria da pequenez do ser humano diante da respiração do mundo, uma das principais características das plantas é a capacidade de produzir todo oxigênio livre no planeta e toda a energia química consumida pelos outros seres vivos, a partir da fotossíntese (Mancuso, 2024). O papel que as folhas realizam no Planeta Terra é imprescindível para a vida, pois é através delas que ocorre a fotossíntese, onde há a captação dos raios solares e a transformação do gás carbônico em oxigênio (Carvalho,

2025). A partir disso, é interessante pensarmos na possibilidade que Mira encontra de estar mais perto do pai por meio do tornar-se folha, um ser vivo que se alimenta de dióxido de carbono (CO2) produzido pela respiração de outro ser vivo, neste caso, seu pai. Nesta relação essencial para a sobrevivência de ambas partes, Mira, na forma de folha, se alimenta do mundo e produz mais vida na medida em que libera oxigênio como o principal modo de existir.

A literatura possibilita o encontro com novas formas de expressar tudo o que representa e comunica vida. Em um modelo antropocêntrico do fazer literário, apenas a voz humana ganha espaço e ouvidos atentos, porém, outras formas de vida estão constantemente produzindo literaturas audíveis, como é no caso da *Fitoliteratura*, uma escrita com e sobre as plantas, pensada por Evando Nascimento (2021). As reflexões sobre ecocrítica nos levam a este termo desenvolvido pelo autor, onde ambos conceitos podem tecer um diálogo vivo, ressaltando a voz ativa da naturezacultura. A conexão entre a literatura e o universo vegetal, ao se entrelaçarem na construção de uma fitoliteratura, revela modos de escrita profundamente enraizados na vitalidade das plantas. Essa interação oferece base fértil para que a literatura permaneça como um dos ramos da grande árvore do mundo, questionando, narrando e recuperando saberes ancestrais em harmonia com o reino vegetal (Carvalho, 2025).

A relação entre o humano e o ambiente em *Pura Cor* é construída por meio de imagens recorrentes que aproximam o luto e a transformação da dimensão subjetiva da protagonista. A aproximação entre o hálito individual e o sopro do mundo faz com que o vento apareça como uma força vital que atravessa toda a existência, tornando difícil separar o fôlego humano dos movimentos da natureza.

Essa relação também aparece no uso da luz solar, apresentada não apenas como elemento da paisagem, mas como uma força que participa dos processos de transformação e aproxima a narrativa de uma perspectiva fitoliterária, ao relacionar a experiência humana aos processos biológicos das plantas, como a fotossíntese.

A árvore, por sua vez, reúne diferentes sentidos ao longo da obra, associando a proteção na infância, o desejo de permanência por meio da arte e o próprio corpo da

protagonista. A recorrência das imagens arbóreas, que aparecem como espaços de acolhimento e também atravessam os sonhos da personagem, contribui para uma visão em que o humano e o vegetal estão profundamente relacionados. Dessa forma, Heti aproxima a experiência humana dos ciclos e das formas da natureza, convidando o leitor a perceber o mundo vegetal não apenas como cenário, mas como parte ativa da experiência narrada.

Desse modo, podemos pensar em *Pura Cor* como um livro que proporciona uma quebra de uma narrativa inteiramente vinculada ao corpo humano, possibilitando o devir-algo, ou seja, dá espaço à maleabilidade intrínseca do fazer literário. O conceito de *devir*, orquestrado por Deleuze e Guattari (1997), toma um lugar muito importante no debate sobre a literatura presente em tudo o que cabe na palavra "natureza", no sentido de que, para escutar outra forma de narrar o mundo, é preciso estar aberto para novas formas de experimentações. Segundo Deleuze (1997), devir é se aliançar com a alteridade:

> Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal qual já não seja possível distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula (p.11).

Qual a zona de vizinhança entre um ser folha e a experiência de uma mulher em luto? As duas vivências se alimentam do mundo para seguir existindo, para que sejam vistas e para exigir espaço e presença. O pensamento vegetal e literário se compõe a partir do olhar para as raízes, para o que profundamente dá substância para o modo de existência e o modo de se afetar pelo mundo. Essa perspectiva rizomática demonstra que, tanto as folhas de uma árvore, quanto a vivência de gênero e da perda de alguém amado, são questões ramificadas, conectadas com outras, assim como tudo na natureza, pois "quando elas são de raízes, há sempre um fora onde elas fazem rizoma com algo - com o vento, com um animal, com o homem (e também um aspecto pelo qual os próprios animais fazem rizoma, e os homens etc.)" (Deleuze; Guattari, 2000, p.



19). São letras que se relacionam entre si para formar algo novo, um devir que faça sentido para o encontro de diferentes formas de viver.

> Ela se transformou na folha de uma árvore à beira do lago, no local onde havia uma aleia de arvorezinhas, próximas à areia. O tronco sob seu corpo havia se quebrado numa tempestade e, depois de arrastado, alojara-se no fundo do lago — muito velho, encharcado, enfim seco; era usado como banco por muitas pessoas, e servira de banco por anos. (Heti, 2024, p. 104)

A escolha de Heti de transformar a protagonista em uma folha, podendo ser lida como um arquétipo que transborda fronteiras e une as palavras natureza e cultura, dialoga com a ecopoética e com a fitoliteratura, e também pode ser compreendida, assim, como uma poética do envolvimento, na qual a literatura deixa de representar a natureza à distância e passa a produzir um regime de copresença entre humano, vegetal e mundo. No romance, Mira se transforma em uma folha e passa a ser invisível aos olhos das pessoas, que não percebem ou refletem sobre sua presença no mundo. No entanto, justamente ao se tornar folha, ela conquista a chance de existir de outra maneira, fora das limitações humanas, abrindo-se para novas formas de percepção e conexão com o mundo natural:

> Estava presa na folha, mas em seu íntimo persistia a consciência de que algo havia dado errado. Lá embaixo, sob ela, as pessoas passeavam, e essas pessoas não olhavam para uma folha. Mesmo que tivessem olhado, ela teria conseguido transmitir seu recado? Não conseguia se comunicar com as outras folhas. Outros espíritos estavam presos nelas também? Estava tão solitária dentro da folha quanto havia estado quando era gente, em qualquer parte. Logo não conseguia mais se lembrar dos problemas que tinha na vida. O que a deixara tão triste e culpada para que a solução fosse entrar numa folha? Depois veio a frustração de não ter pernas, de não poder sair de sua nova vida, dessa nova posição no universo. Agora não tinha mais nada a fazer além de transformar a luz do sol em alimento, e até essa tarefa era pouco divertida. (Heti, 2024, p. 105)

Essa limitação física – de não ter pernas – é acompanhada por uma reconfiguração da percepção espacial e temporal na escrita de Heti. Mira abandona a



escala do ‘’universo’’ que o amor do pai lhe projetava para aceitar o seu tamanho real: o tamanho de uma folha. Heti, Escreve:

> Sendo folha, enfim compreendeu suas novas dimensões, e logo se adaptou a elas como nunca havia se adaptado às suas próprias dimensões em vida. Seu problema sempre havia sido querer ser maior, mas nunca soube como. Não conseguia se adaptar ao seu tamanho. Nem sabia ao certo qual era seu tamanho. Mas ali, sob o sol dourado, finalmente descobriu: o tamanho de uma folha. Se alguém tivesse lhe dito isso quando era criança, poderia ter se adaptado e levado uma vida simples, de poucos esforços, e ter sido feliz, em vez de alimentar as esperanças de ir para a escola. Mas o amor do par sempre a fizera pensar que era uma grande pessoa, tão imensa quanto o universo, e que outros também deviam ter essa percepção. (Heti, 2024, p. 106)

No plano formal, o tempo deixa de ser medido por cronologias biográficas e passa a ser narrado em escalas geológicas ou astronômicas, como os ‘’milhões de anos tórridos’’ que Mira passa a habitar:

> Quando duas pessoas estão predestinadas, o encontro acontece. Talvez demore um bilhão de anos tórridos para que você consiga retornar à vida, mas nem é tanto tempo assim, e me parece uma espera breve. É incrível aqui, perto de Saturno, o breu, a retidão e a paciência total, a ausência dos desejos. É possível viver assim por um milhão de anos tórridos, pois quando não há desejo o tempo passa rápido e tranquilo. E no tempo certo. (Heti, 2024, p. 141)

A protagonista se transforma em uma folha e se movimenta conforme o vento, ou seja, ela permanece “vegetando” enquanto observa e se sente parte do mundo. *Vegetare*, em latim, significa “animar, vivificar; dar movimento a; aumentar, fortalecer, fazer crescer”. Porém, como provoca Evando Nascimento (2021), “atualmente, alguém que vegeta, e não apenas em português, é alguém que vive uma vida inútil e mecânica ou está em coma” (2021, p. 46). Neste contexto, se pensarmos através da lente junguiana, Sheila Heti revoluciona o estigma antropocêntrico que existe acerca do arquétipo de folha e amplia o significado para além das expressões linguísticas contemporâneas. A partir do trecho trazido acima, é possível observar que, em um primeiro momento, a protagonista Mira se desespera ao perceber que está nesta posição vegetativa, pois a noção de que não faz parte da natureza ainda se mostra fortemente

introjetada em seu repertório existencial. Para que haja a percepção de mundo, é preciso dar um primeiro passo em direção ao rompimento com uma lógica já construída. É nesta direção que a autora caminha, pois pode-se afirmar que Sheila Heti subverte o significado ocidental de *vegetar* e devolve para o verbo o sentido de fazer crescer as relações entre espécies. A partir dos olhos poéticos que a autora empresta à folha, é possível perceber o quanto o mundo vive por meio do alimento de sua respiração no mundo.

A experiência do devir-folha também é observada pela estrutura dos diálogos entre Mira e o espírito do pai dentro da folha. Heti opta por eliminar marcadores tradicionais de fala, fazendo com que as vozes se misturem em uma "polpa comum" ou um "só veio". Segundo Heti:

> Dentro de uma folha, uma conversa não precisa de bocas.
> Para que haja uma conversa dois corpos não são necessários. Conversa-se por meio de um só veio, de uma polpa comum. Uma folha é capaz de conter dois cérebros e dois pontos de vista. (Heti, 2024, p. 116-117)

Essa escolha formal mimetiza o funcionamento biológico do vegetal, onde não há separação nítida entre os indivíduos, mas uma continuidade de fluxos. A própria voz do pai é descrita como uma "voz folhuda", sugerindo que a transformação vegetal atingiu o cerne da linguagem, tornando-a menos articulada pelo intelecto e mais processada pela fotossíntese e pela luz:

> No começo, seu pai queria ficar quieto, sem preocupações, seguro e alheio. […] Sendo a mais inquieta, o tempo todo tentava puxar conversa. No começo, ele não dava muita confiança. Dizia uma coisinha à toa e permanecia tranquilo, não havia inflexão em sua voz, nenhuma mudança de tom. Não lembrava em nada a voz jovial do pai, era uma voz muito mais folhuda. (Heti, 2024, p. 112)

Contudo, é preciso destacar que as plantas continuam respirando e produzindo mundos, independente da necessidade e aproveitamento de seres animais. Este é um ponto importante de ser levantado, visto que a fitoliteratura busca acessar e dar passagem às singularidades dos seres botânicos, construindo uma narrativa sustentada

nas percepções de mundo das plantas, isto é, escritas literárias a partir de seu *Umwelt.* Este conceito alemão, proposto por Jakob von Uexküll, significa o meio "concreto ou vivido" do animal (Despret, 2021, p. 269), trazendo à tona necessárias discussões acerca das alteridades que compõem o modo de ver o mundo. Órgãos sensoriais em conjunto com as experiências vividas proporcionam um significado singular de vida, ou seja, produz diferentes subjetividades. A planta tem um modo de sentir que independe de interpretações humanas e, inclusive, talvez nem sejam totalmente passíveis de serem acessadas por nosso limitado *umwelt*.

Segundo Zélia M. Bora (2019), a conexão entre poesia e natureza envolve aspectos específicos, especialmente no contexto do romantismo alemão e sua ligação com o pensamento de Heidegger. A filosofia heideggeriana, influenciada por Goethe, incorpora conceitos poéticos como o de *Dasein* (existência), evidenciando um diálogo entre poesia e Filosofia com implicações ecológicas. No entanto, este conceito está fortemente limitado à existência humana, o que constrói uma narrativa de segregação e hierarquização entre humano e não-humano, entre "nós" e "eles" - dualismos que cortam qualquer possibilidade de acolhimento às alteridades que nos compõem e nos fazem existir, rompendo com o diálogo necessário para que possamos seguir coexistindo de maneira justa aos diversos modos de viver no mundo. Essa necessidade de coexistência respeitosa é traduzida por Isabelle Stengers (2023) como Cosmopolítica, uma política que não está em consonância com a "mistura" de saberes, e sim, ao reconhecimento de que há saberes diferentes uns dos outros, pois o cosmos é plural e todas as pluralidades desejam ser ouvidas. A cosmopolítica questiona os motivos pelos quais uma existência é ouvida, em detrimento de outra.

> A cosmopolítica exige conceber a cena política de tal forma que o pensamento coletivo proceda "na presença" daqueles que pertencem a esses mundos e correm o risco de não serem ouvidos porque se recusam a aceitar que o sentido daquilo a que estão vinculados será determinado pelo processo político. Eles podem ser desqualificados porque, em vez de contribuírem para o processo, estão impedindo a emergência de um acordo (Stengers, 2023, p. 204).

Desta maneira, pode-se pensar que a literatura é um possível espaço cosmopolítico, no sentido em que é essencialmente um meio amplo e espaçoso de expressão, que convoca a pergunta "O que pode um texto?". Sheila Heti ensaia uma das respostas para essa pergunta ao criar uma personagem que encontra no devir-folha um outro jeito de se sentir viva, reconhecendo que sempre há o pluralismo e vozes a serem ouvidas. A literatura cria uma abertura mental ao proporcionar a passagem de vozes vivas que compõem o mundo, como podemos compreender neste trecho de *Pura Cor*:

> Nunca soube que ao longo de toda sua vida transitava no espírito de tudo, e que o mundo inteiro — árvores e ventos e folhas e o ar — estavam tão vivos quanto seu pai estava. Pois sempre esteve tão consciente da vida do pai que nunca tinha tido a consciência do quão vivo estava o resto. Havia passado muito tempo olhando para ele. A vida inteira o vento soprando-lhe as bochechas e ela nunca tinha reparado. Não compreendia que o espírito que dava ânimo ao corpo do pai animava o corpo de tudo que existe. As árvores e o céu não eram meros panos de fundo da vida, eram igualmente vida (Heti, 2024, p.78).

Conforme observado, o vento é o símbolo que representa a natureza como presente em todo movimento que existe no planeta, aquilo que tudo toca. A natureza é inseparável da vida, que é inseparável da cultura, sobretudo, das expressões literárias, visto que colocam em palavras as transformações possíveis de serem vistas a todo momento — acontecimentos naturais e incessantes. Deleuze (1993) escreve que "a escrita é inseparável do devir: ao escrevermos, devimos-mulher, devimos-animal ou vegetal, devimos-molécula até devir-imperceptível". Em *Pura Cor*, o sentimento de luto se torna imperceptível, pois se torna parte do mundo. Naturaliza-se a perda como algo intrínseco ao natural, pois a partir dela cria-se outra vida. A vida não cessa, nem na literatura, nem na natureza.

5. Considerações finais

A produção de Sheila Heti reflete sua habilidade de combinar uma prosa introspectiva e acessível com profundas indagações filosóficas. Ela é considerada uma

das autoras mais influentes e inovadoras da literatura contemporânea, especialmente no contexto da literatura de língua inglesa, e continua a influenciar e inspirar discussões sobre identidade e narrativa na literatura. Além disso, ao analisarmos a tradução dessa obra, feita pela poeta Bruna Beber, o texto nos chega transformado e mediado, tanto culturalmente, quanto subjetivamente. A leitura de *Pura Cor*, de Sheila Heti, à luz das teorias da ecopoética e da fitoliteratura revela uma obra que radicaliza a aproximação entre literatura e natureza, rompendo com os dualismos que sustentaram por séculos a lógica da separação entre o humano e o não-humano. Ao permitir que uma protagonista se torne folha, Heti não apenas metaforiza o luto e a transformação, mas cria uma narrativa que desestabiliza as formas tradicionais de representação e reinscreve o lugar do humano no mundo como parte de um todo interdependente.

O devir-folha de Mira simboliza um processo de desidentificação com o sujeito soberano e uma abertura a formas de existência plurais e sensíveis. Trata-se de um gesto estético e político que opera uma escuta radical da natureza, tornando visível e narrável aquilo que muitas vezes é silenciado: a agência do vegetal, o saber das plantas, os modos de luto do mundo natural. Nesse sentido, Pura Cor se inscreve como um romance que participa ativamente das discussões sobre a crise do antropoceno e sobre a urgência de uma literatura mais porosa, que acolha outras formas de vida, outras linguagens e outros sentidos.

Ao invocar os arquétipos animais e ao fazer da folha um símbolo central da narrativa, Heti propõe um exercício de desaprendizagem do humano como medida de todas as coisas, conduzindo-nos, como leitores, à possibilidade de escutar os mundos mais-que-humanos e de repensar o próprio gesto literário. Assim, a arte, neste caso literária,nos convida a viver com as árvores, a pensar com as folhas e a transformar o luto em respiração — num gesto poético que não busca explicação, mas conexão.

Referências

ARROJO, Rosemary. A tradução como reescritura: o texto/palimpsesto e um novo conceito de fidelidade. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 5, n. 6, 2012. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639029.

BORA, Zélia M. Ecopoéticas na literatura brasileira: memória e modernidade na poesia de Joaquim Cardozo. **Gláuks: Revista de Letras e Artes**, João Pessoa, v. 19, n. 2, p. 40-51, jul./dez. 2019.

CARVALHO, Thiago Soares Gigliotti de. **Ser na árvore, ser com árvore e ser árvore**: diálogos entre fitoliteratura e biografia humana à luz da Antroposofia a partir de O barão nas árvores, de Italo Calvino, O homem que plantava árvores, de Jean Giono, e a poesia Árvore, de Manoel de Barros. 2025. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2025.

COSTA, Júlia de Marins. **Comunicação e meio ambiente:** análise ecocrítica da ecopoesia e do jornalismo ambiental no Brasil. 2014. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/4785/1/JCosta.pdf. Acesso em: 2 maio 2025.

DEBAISE, Didier. Le récit des choses terrestres: pour une approche pragmatique des récits. **Corps-Objet-Image**, n. 4, p. 17, 2019.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. La littérature et la vie. In: DELEUZE, Gilles. **Critique et clinique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1993.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DESPRET, Vinciane. **O que diriam os animais?** Tradução de Letícia Mei. São Paulo: Ubu, 2021.

DESPRET, Vinciane. **Um brinde aos mortos:** histórias daqueles que ficam. Tradução de Hortencia Lencastre. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2006.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. Tradução de Ana Luiza Braga. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

HETI, Sheila. **Pura cor**. Tradução de Bruna Beber. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2016.

MACIEL, Maria Esther. **Animalidades:** zooliteratura e os limites do humano. Belo Horizonte: Editora Instante, 2023.

MANCUSO, Stefano. **Revolução das plantas**: um novo modelo para o futuro. Tradução de Regina Silva. São Paulo: Ubu, 2019.

NASCIMENTO, Evando. **O pensamento vegetal**: a literatura e as plantas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SAAVEDRA, Carola. **O mundo desdobrável:** ensaios para depois do fim. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

SANTOS, Antônio dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.
STENGERS, Isabelle. **Uma outra ciência é possível**: manifesto por uma desaceleração das ciências. Tradução de Fernando Silva e Silva. São Paulo: Bazar do Tempo, 2024.
ZAPF, Hubert. Ecocriticism, cultural ecology, and literary studies. **Ecozon@:** European Journal of Literature, Culture and Environment, Universidad de Alcalá, v. 1, n. 1, p. 136-147, abr. 2010.

Recebido em:04/04/2026

Aceito em: 03/09/2026